

## **Considerações sobre algumas relações afetivas juvenis femininas no contexto escolar**

Ayra Cristina Sousa Dias<sup>1</sup>  
Camilly Vitória da Silva Miranda<sup>2</sup>  
Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior<sup>3</sup>  
Liana Maria Ibiapina do Monte<sup>4</sup>  
Elaine Ferreira do Nascimento<sup>5</sup>

**Resumo:** A forma como a juventude se relaciona e também constroi laços afetivos é considerada como um dos pontos importantes para não apenas a formação da sua identidade, mas como maneira de afirmação de si e de como enxerga o mundo. É pensando nisso que este estudo se debruçou sobre este fenômeno, com o objetivo de analisar as vivências de relações afetivas de mulheres cisgêneras adolescentes e jovens do município de Teresina/PI. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, exploratória, interpretativa e de campo. Este estudo contou com a participação de cinco mulheres cis entre 16 a 18 anos de uma escola pública. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram para a importância desses vínculos como formação da sua personalidade, contribuindo como uma rede de apoio mútua frente aos dilemas juvenis. Além do mais, essas jovens também problematizam sobre como enxergam essas relações, sua construção com seu corpo e com a sua sexualidade. Conclui-se que trabalhos dessa magnitude indicam a necessidade de escuta e acolhimento dessa juventude, propiciando espaços de entendimentos pessoais e também sociais.

**Palavras-chave:** Amorosidade; Construção; Identidades; Empoderamento.

---

<sup>1</sup> Assistente social (FATESP). Fiocruz Piauí. ayradias@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social (UESPI). Fiocruz Piauí. camillymiranda45@gmail.com.

<sup>3</sup> Psicólogo e mestre em Psicologia (UFMS). Fiocruz Piauí. paulo\_juniorpio@hotmail.com.

<sup>4</sup> Assistente social e doutora em Educação (Universidad Internacional Tres Fronteras). Fiocruz Piauí. lianaibiapina@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> Assistente social e doutora em Ciências (IFF/Fiocruz). Fiocruz Piauí. negraelaine@gmail.com.

Quando se pensa na representação do que seria ser jovem é inegável pensar em aspectos relacionados à rebeldia ou que esses sujeitos sempre estarão na “contramão” da sociedade. Contudo, é preciso desfazer dessas concepções errôneas, compreendendo a juventude como uma etapa do crescimento das pessoas, onde a mesma é vivida de maneira distinta conforme a influência de inúmeros aspectos. Além do mais, Silva (2019) convida a repensar e compreender que a construção desse jovem também perpassa as posições sociais estabelecidas. Dessa forma, o crivo social do que representa ser um homem ou uma mulher em uma sociedade cisheteropatriarcal também é um fator, até preponderante em muitos casos, sobre como a identidade de cada uma será construída e vivenciada.

No debate frente às concepções de juventudes, quando se coloca o aspecto interseccional de gênero se faz necessário pensar sobre outras questões. Considerando o patriarcado a qual se sustenta os pilares da sociedade por muitos séculos, as relações juvenis para as mulheres sempre foram pautadas em muitas regras e normas, rotulando, portanto, desde suas ideias ou até mesmo a maneira a qual deve se portar dentro de uma relação. Assim, quando essa juventude já encontra percalços frente a sua individualidade, as jovens mulheres encontram ainda mais barreiras frente a isso. Entender esses estigmas frente a juventude e aplicada também ao gênero faz com que condutas sejam repensadas, estabelecendo a quebra de rupturas e o exercício pleno da individualidade de cada jovem (Prá, 2013).

Diante disso, como essa jovem pode gerenciar a composição sobre si mesmo? Silva e Ovigli (2020) apontam os espaços escolares como um local de acolhimento para essas e outras questões. Os estudos analisados pelos autores demonstram que essas instituições são responsáveis por abrigar esse grupo por boa parte do seu desenvolvimento, construindo ou influenciando fortemente em suas rotinas, buscando estratégias para que essas estudantes possam promover uma relação de diálogo e confiança. Neste contexto, novas relações sociais podem atingir outros patamares,

visando alcançar potências e subjetividades no sentido de reiterar vozes negligenciadas em outros planos.

Com base na relação das demandas apresentadas a essa juventude, são construídos coletivos e movimentos que não apenas reivindicam questões, mas também reiteram o direito desse grupo. Essa articulação promove além da busca por soluções em determinados contextos como a escola, contudo, se configura como um importante mecanismo para que esse jovem também possa realizar o empoderamento na sociedade. É por meio dessa estrutura que é possível a realização de mudanças sociais, beneficiando um território e acima de tudo, a garantia de direitos estabelecidos constitucionalmente no Brasil (Grosso et al., 2019).

Quando se pensa que essa juventude vai ao oposto do que se estabelece na sociedade não é somente uma contrariedade qualquer, mas a todo um sistema estabelecido. Meneses, Barreto e Nascimento (2021) descrevem sobre a norma marcada pela sociedade diante de viés como o gênero e a sexualidade. Espera-se, portanto, que as pessoas se enquadrem dentro do modelo heterossexual, a qual além de reiterar posicionamentos frente ao que é ser homem e mulher, segue o padrão estabelecido sobre vivência, como por exemplo o casamento e posteriormente a presença de filhos. É essa norma que juventude busca ir contra e não seguir essa obrigatoriedade e sua construção cisheteronormativa.

E quando se fala em romper esses parâmetros nada mais justo do que o ambiente escolar ser uma dessas possibilidades. Dialogando sobre questões de gênero e sexualidade, esses espaços institucionais também estão permeados de normas e imposições expostas socialmente. Levar essas discussões e falar sobre como as mesmas também trazem afetamentos a essa juventude é primordial para a construção da identidade e do bem-estar (Gemaque; Cavalcanti; Jesus, 2021).

No entanto, há uma série crise para a juventude brasileira. Crise esta, espelhada no cenário mundial, pois há um grande crescimento dessa faixa etária no mundo e, mesmo com o crescimento econômico no Brasil nos anos de 2004 a 2014, não

conseguiu conter a onda estrutural de desemprego, redução dos postos fixos de trabalho e a informalidade e somado a isso a “onda jovem” (Ipea, 2015). A crise do desemprego está sendo considerada estrutural, pois atinge quem tem baixa escolaridade como quem também tem nível universitário e até mesmo experiência.

O que se tem é uma crise do capitalismo, associada a um sistema colonial racista cisheteropatrinal em que nem todas as pessoas terão as mesmas oportunidades, mesmo que elas tenham as mesmas qualificações para disputa. A/o jovem negra/o; trans/travesti; indígena ficará sempre à margem da inclusão. A juventude que foi vista, durante muito tempo, ou pelo menos por um determinado segmento elitizado da sociedade como um período preparatório, é um projeto que fracassou, como proposta universal, pois esta proposta na sociedade brasileira não teve sustentação para a classe trabalhadora, a juventude brasileira, de modo geral, sempre esteve associada a uma vulnerabilidade social que se vincula ao desemprego, ao baixíssimo salário dos pais/responsáveis, a construção/reconstrução das famílias, devido ao processo de urbanização, modelo econômico e a concentração de renda. E, de acordo com a Política Nacional da Juventude são três as principais demandas da juventude brasileira: “[...] acesso ao sistema educativo, oportunidades de emprego e ocupações produtivas e combate às distintas formas de violência física e simbólica” (Brasil, 2013, p.13).

Com base nas discussões realizadas anteriormente neste escrito, o presente trabalho possui como objetivo geral analisar as vivências de relações afetivas de mulheres adolescentes e jovens do município de Teresina/PI. A pesquisa apresenta como relevância científica a construção de mais um estudo a qual produz embasamento teórico na literatura. Como relevância social, apresenta uma discussão necessária frente a uma problemática, gerando ações como a construção de coletivos e até a viabilização de política pública.

## **Metodologia**

A presente pesquisa possui caráter qualitativo, de campo e com viés interpretativo. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa sobre o número de CAAE 84487918.6.0000.8007, e número de parecer de aprovação 2.555.605. As resoluções 510/16 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde embasaram a confecção desta investigação. Foram entrevistadas cinco pessoas do gênero feminino e com idades entre 16 a 18 anos de uma escola pública da rede municipal da cidade de Teresina/PI. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas realizadas entre o período de agosto de 2020 a maio de 2021. O período de tempo das coletas se estendeu devido às normas sanitárias estabelecidas pela pandemia de Covid-19.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, a qual consiste em perguntas direcionadas aos participantes com base nos objetivos traçados no estudo. Para isto, as pesquisadoras se utilizaram de um gravador de voz de modo a obter uma transcrição válida e fidedigna das falas. As participantes autorizaram o uso previamente do instrumento para a fase de coleta dos dados. Para assegurar as questões éticas definidas por meio das resoluções utilizadas neste estudo foram utilizados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, abreviadamente chamado de TCLE, como forma de segurança do sigilo e anonimato das participantes. De modo a assegurar estes preceitos, os nomes das participantes foram substituídos pelos de personagens da série nacional “Todxs Nós”, criação de Vera Egito, Heitor Dhalia e Daniel Ribeiro, produto audiovisual que discute sobre aspectos das subjetividades dos jovens personagens como gênero, sexualidade, orientação sexual, relações afetivas e afins.

Após esta fase, os dados foram transcritos, organizados e submetidos a análise por meio do método de interpretação de sentidos. Conforme Gomes (2016) esse tipo de categoria de compreensão dos resultados visa estabelecer os sentidos das falas e todas as suas concepções, apresentando os olhares singulares e os atravessamentos as quais perpassam essas compreensões.

## **Resultados e discussões: A construção das relações afetivas juvenis femininas**

Diante das primeiras construções afetivas para além dos familiares e rede de amizades, as mulheres entrevistadas nesta pesquisa relataram sobre a construção de um relacionamento conjugal. Atrelado a isso, é possível observar certas nuances sobre o que se espera de uma relação heterossexual, estabelecendo o que pode desempenhar um homem e uma mulher. Além do mais, as diferenças entre esses indivíduos podem ser consideradas percalços onde ofertam problemas perante a manutenção do relacionamento.

“Assim, são pessoas diferentes que estão se relacionando então alguma hora vai bater algo que um não concorda com o outro (...) por exemplo, um dos dois concorda em questão de ciúme, um dos dois concorda e acha que não tem nada a ver a pessoa deixar de falar com amiga/amigo e o outro lado acha que não precisa ter amigo, essas coisas.” (Rafa, 18 anos)

As diferenças, portanto, começam a surgir principalmente associadas às questões de gênero. Dessa forma, a maneira como cada um enxerga o papel/posicionamento do(a) parceiro(a) acaba sendo gerido em decorrência desse demarcador. Chaves (2016) comenta sobre a construção dessas relações afetivas entre os adolescentes. À medida que as experiências desses contatos vão acontecendo, os jovens atribuem sentidos e significados, analisando o grau de comprometimento e disposição emocional necessário para a manutenção ou não deste vínculo. Dessa forma, se encontra em constante avaliação dos seus sentimentos e das posturas do/a parceiro/a. Isso também gera consequências em como cada um irá enxergar seus sentimentos e a concepção de cada um deles, representando assim jeitos únicos de experienciar a relação.

Diante dos relacionamentos, as participantes também reiteraram aspectos as quais permeiam o cotidiano a dois. Situações de violência foram alguns exemplos encontrados, onde comportamentos abusivos explícitos e implícitos foram comprovados. Essas ações também podem ser atreladas tanto para casais de gêneros distintos como semelhantes.

Bom, essa pessoa, o relacionamento dela era meio cheio de ciúmes. Tipo, essa pessoa, ela não podia fazer as coisas que ela queria e tipo, por exemplo, se ela queria andar com as amigas dela, ela não podia. Era um relacionamento, assim, muito... não sei o que eu posso dizer. A pessoa não se sentia bem, porque ela era muito presa e eu já relacionamentos em que o cara bate na menina, vi relacionamento em que a menina bate no cara. Já vi relacionamento entre pessoas do mesmo sexo que a pessoa, ela era abusiva, ela não deixava a pessoa fazer as coisas por conta de ciúmes. (Paula, 17 anos)

Pesquisas evidenciam a presença de comportamentos violentos nos relacionamentos entre jovens baseados na falta de confiança e situações agressivas oriundas de percepções errôneas sobre o/a parceiro/a. Isso reflete na fragilidade desses laços, representando o desgaste desse contato, bem como características adotadas na personalidade de cada um. Assim, este/esta jovem passa a se sentir menos autossuficiente e isso pode refletir na maneira como enxerga a si mesmo e ao mundo. Influenciando, posteriormente, nos seus comportamentos e nas vivências frente a outras relações (Bobato et al., 2021).

Dias, Monte e Nascimento (2021) dialogam sobre como essas violências nas relações afetivas juvenis abalam as subjetividades dessas mulheres. À medida que existe uma naturalização e de certo modo uma banalização das agressões sofridas, a dependência acaba se acelerando, sendo árduo o rompimento dessa relação. Além disso, o próprio sistema patriarcal também contribui, protegendo esses agressores e sempre diminuindo a culpabilização desses atos. As possibilidades de denúncias e a própria proteção de política ao cuidado das mulheres acabam sendo violadas em detrimento da seguridade dessa estrutura machista e misógina.

Outra questão a se destacar neste estudo diz respeito a como essas jovens enxergam o seu gênero. Isso reflete em mudanças de posições das mulheres frente aos relacionamentos e até mesmo ao modo em como ela exerce sua cidadania. As participantes discutem sobre como essas transformações produziram novas atitudes e pensamentos nas novas gerações femininas.

(...) acho que a mulher se sente inofensiva, até porque eu não acho que a mulher tem que se sentir sobre isso, porque a mulher tem poder né, só que não sabe demonstrar {porque ela não sabe demonstrar?} porque eu acho que desde muito tempo atrás, da idade média, as mulheres sempre sofrem, ficam dentro de casa, cuidando do filho, fazendo comida, enquanto o homem tá trabalhando... geralmente foi na revolução que teve quando as mulheres tiveram o direito do voto, sobre isso... (...) (Tâmara, 17 anos)

Os novos olhares durante a construção de como essas jovens enxergam o que se espera de uma mulher ou que cada uma pode realizar e/ou construir, contribui para o combate a um estigma sexista e extremamente misógino. Essas mulheres devem agora possibilitar carreiras, outras configurações familiares e até mesmo a forma como se relacionam afetivamente. É muito importante que esta nova geração esteja não apenas em busca desses novos ideais, mas dispostas a seguirem batalhando contra o impacto ainda existente de uma estrutura social machista.

As relações também são pautadas dentro dessa perspectiva de gênero, ou seja, os afetos são construídos com base na socialização e dos comportamentos estabelecidos diante de uma norma moral. Os conflitos também surgem muitas vezes dessas perspectivas, onde essa nova geração de juventudes está politizada frente a seu gênero, raça/etnia e tantos outros condicionantes que auxiliam na construção da subjetividade. O papel então é questionador e de tensionar essas estruturas racistas, misóginas e patriarcais, onde apenas o sistema capitalista sai ganhando com a perpetuação dos posicionamentos afetivos e relacionais.

Além dos mais, as jovens participantes dessa pesquisa também abordam o quão é importante a construção de uma rede de solidariedade e apoio mútuo. Auxílio esse que

vai para além dos dizeres populares de “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Consequentemente, as participantes relatam as implicações desse silenciamento e da apatia frente a esses casos, resultando em situações de violência extrema, como agressões frente a mulheres e até mesmo feminicídio. É a discussão que se encontra presente no relato a seguir:

(...) é...até tem muitos relatos do que acontece, de pessoas que... de mulheres que apanham no meio da rua até, do marido e ninguém faz nada, só passam olhando {porque as pessoas não fazem nada?} por medo, não sei, da pessoa fazer alguma coisa com ela, do marido fazer alguma coisa com ela ou então porque não quer se intrometer na vida dos outros, só que, assim, eu acho errado né {porque você acha errado?} porque se você ver uma mulher sofrendo agressão física e você não vai fazer nada, aí ela morre e você não faz nada, e mesmo sendo outro relacionamento é uma pessoa, então você precisa fazer alguma coisa em relação a isso, ajudar ela de uma certa forma (...) (Rafa, 18 anos)

Diante de uma situação de violência, regida a uma relação abusiva e totalmente agressiva com as mulheres, é mais que urgente a construção de redes de apoio nesses casos. Contudo, é preciso estar atento às consequências desse fenômeno, para não invisibilizar outras mulheres e acabar fortalecendo a existência dos conflitos. Nesses casos, o apoio e suporte em diversas instâncias (sejam elas profissionais ou não como a exemplo do apoio e suporte emocional ofertado por familiares e pessoas significativas) produzem bem-estar afetivo e resiliência a essas mulheres que se encontram nessa situação. Proporcionando o acolhimento necessário, rompendo com estigmas as quais banalizam o sofrimento das mesmas (Rocha; Antoni, 2019).

Conforme Marinho (2021) ainda é possível traçar outros aspectos relevantes dentro dessa discussão. Mulheres pretas, periféricas, pobres, indígenas e quilombolas são ainda mais silenciadas, principalmente no que tange às suas perdas. E lê-se aqui não aquelas aplicadas devido a violência, mas a todo tipo de ausência sentida em seu cotidiano, sendo por exemplo responsabilidade do Estado. Crescem nessas mulheres sentimento de revolta e medo associados à sua dor. Sofrimento esse renegado pela

sociedade e por tantas outras esferas sociais, políticas e até mesmo humanas. Essas dores precisam não apenas de escuta e atenção, mas um entendimento interseccional a qual atravessam a marginalização dessas mulheres.

Além de todas as questões discutidas anteriormente, essas jovens também pontuam sobre os desafios da construção desses laços afetivos, bem como interferências e demais aspectos as quais possam fragilizar esses vínculos. Pontos de mobilização de apoio e suporte também foram relatados, discutidos na categoria seguinte.

### **Mobilização feminina juvenil: o que se pode aprender disso?**

A pesquisa agora avança nas reflexões de como as participantes encaram os dilemas apresentados anteriormente frente ao desenvolvimento das suas relações afetivas. A partir daqui, percepções a essas diferenças, mas interligadas ao mesmo gênero, resultam em mobilizações de combate ao patriarcado, violência contra mulher e afins. Dessa forma, é possível conhecer as suas crenças e valores atribuídos a afetividade, estabelecendo uma conexão genuína entre as mulheres.

O desenvolvimento das relações afetivas na adolescência é de fundamental importância para esses jovens. A partir do momento em que esses laços são construídos e solidificados, esse adolescente passa a construir autoconfiança, bem como outros elementos que compõem a afetividade. Nesse contexto, as amigas funcionam como um ponto de apoio diante das situações experienciadas, bem como promotora de bem-estar social (Carvalho et al., 2017).

(...) Eu acho muito difícil (falar sobre os problemas/dificuldades que sente). Acho que por conta da vergonha a pessoa não quer comentar sobre isso, sei lá, ouvir julgamento se fez a escolha certa. Acho que a pessoa é mais fácil se abrir com amigo do que com a família mesmo. (Rafa, 18 anos)

(...) Nem sempre (sobre se é fácil encontrar alguém para desabafar) acho que vai mais no ato da confiança também (...) (Inês, 18 anos)

À medida que as experiências vão acontecendo e como o mundo e a sociedade se comportam frente a ele vão estabelecendo e emergindo novas percepções dessas jovens. Assim, elas acabam definindo as relações de poder, confiança, respeito e afins. Esse mecanismo é de suma importância ao longo do desenvolvimento humano, pois, essas relações moldam como e com quem elas conseguem desabafar sobre suas angústias e até mesmo em pedir ajuda em determinadas situações. Formando assim sua própria rede de amizade, apoio e confiança.

É por meio da construção dos laços afetivos que essas jovens vão solidificando suas próprias histórias e definindo quais rumos escolherão ao longo da sua trajetória. Por isso é importante validar e oportunizar essas trocas, para que a juventude possa desenvolver um senso de coletividade, consequenciando em apoios e pelo fortalecimento das suas lutas e das suas bandeiras. Apresentando a sociedade uma nova forma de concepções da juventude, sendo ela plural, diversa e acima de tudo empoderada.

Além de pessoas, os lugares e contextos também proporcionam um critério a essas jovens, estabelecendo em quais ambientes são considerados seguros e quais pessoas se podem contar. Pensando nisso, a escola surgiu como um desses contextos nas falas das jovens. O espaço acadêmico surge de maneira paradoxal, onde algumas relatam terem nesse espaço o conforto e a seguridade, ao mesmo tempo que outras observam a falta do mesmo tanto na instituição como pelos profissionais que a compõem.

(...) {você acha que ela consegue falar com alguém da escola?} da escola acho que a pessoa mais próxima, sim, bem próxima mesmo {um coordenador e um professor?} não, acho que não {porque não?} porque eu acho que é um pouco mais distante a pessoa confiar naquela pessoa {você acha que é possível estabelecer confiança com um professor, um coordenador?} não, acho que não, porque é muito difícil ver um coordenador e um professor dando, tipo assim, apoio {porque que é muito difícil?} porque eu nunca vi um professor dando apoio sobre isso... bora aqui, bora conversar sobre tal tal tal (...)(Vera, 17 anos)

(...) Depende, assim, depende da afinidade que a pessoa tem com outra pessoa. Depende da proximidade que ela tem com outra pessoa, por exemplo, se ela for muito próxima de alguém da coordenação, algum professor, que eu acho muito difícil, ela conte, mas é mais pros amigos. (Gabi, 17 anos)

A falta dessa segurança presente em alguns relatos se apoia no estigma relacionado ao papel da escola. Onde na maioria das vezes as pessoas compreendem esses espaços como unicamente formativos e de contato com pares e semelhantes. Além do mais, a figura do/a professor/a e demais profissionais que atuam nesses locais podem ser encaradas como uma figura de autoridade, distanciando, portanto, o contato entre eles e sobre como buscar um adulto de confiança. Por isso e pela falta de iniciativa desses lugares, as jovens não conseguem estabelecer conexões e diálogos com esses funcionários, o que pode transformar no surgimento de outras problemáticas.

Bonfim e Mesquita (2020) argumentam sobre o quão a diversidade presente no campo escolar oferece subsídios para dialogar sobre temáticas como gênero, sexualidade e as demais relações afetivas presentes no contato social. Apesar disso, não é o que se observa em muitas realidades. A juventude tenta a todo custo validar suas subjetividades, seus afetos e as trocas relacionais entre seus pares, enquanto na maioria das vezes a escola fica de braços cruzados diante dessa conjuntura. É preciso que essas unidades possam se reinventar e privilegiar para além do conhecimento formal, auxiliando no estímulo saudável dessas jovens.

Acosta (2019) chama a atenção para uma questão importante. Como sujeitos LGBTQIAPN+ não conseguem esse acolhimento escolar, sendo resultado, portanto, de altos índices de evasão. Isso decorre principalmente de juventudes travestis e transexuais. Reiterando, portanto, a necessidade de se repensar nas estruturas engrenagens discriminatórias e sociais que emergem nesses espaços escolares. As retiradas desses direitos refletem também na exclusão e marginalização às quais esses jovens são submetidos. Onde se mantém uma precarização da sua sobrevivência.

### **Considerações Finais**

Esta pesquisa apresenta um recorte de um contexto localizado em diversos espaços. A juventude efervescente em sua gênese, estabelece modos de ver e viver suas próprias vidas. Dentro disso, as relações que são construídas consistem em um importante ponto de apoio para o desenvolvimento da sua personalidade bem como os projetos e anseios do que esperam do futuro. O presente estudo ainda alerta em como essas trocas relacionais são aplicadas a namoro, amizade e até mesmo no contato presente em outros espaços.

As relações humanas fazem parte do desenvolvimento e também da construção de cada sujeito. E além disso, as mesmas são elementares dentro das trocas desenvolvidas pela juventude. Como elas experienciam estas situações, bem como o processo resultante dessa troca é um dos pilares as quais fornecem a construção de percepções e comportamentos. Por isso é tão importante a manutenção dos vínculos, bem como entender como eles podem ser solidificados de uma maneira saudável e que produza trocas importantes para a construção dessas identidades jovens.

As instituições e serviços que fazem parte da sociedade precisam não só reconhecer essas relações como oportunizar que essas jovens possam dialogar, serem ouvidas e também participarem ativamente da construção de espaços, coletivos e movimentos. Que partam dessa juventude e se direcionam para toda a sociedade de um modo geral. Só assim essa grande rede vai estabelecendo fios conectores e protetores para além de uma rede social.

## Referências

- ACOSTA, Tássio. Evasão ou expulsão escolar de gays afeminados e travestis das instituições escolares e as vidas que não podem ser vividas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 13, n. 20, 2019.
- BOBATO, Sueli Terezinha et al. Violência nos relacionamentos amorosos de estudantes universitários. **Psicologia Argumento**, v. 39, n. 107, p. 1199-1219, 2021.
- BONFIM, Juliano; MESQUITA, Marcos Ribeiro. “NUNCA FALARAM DISSO NA ESCOLA...”: UM DEBATE COM JOVENS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. Políticas Públicas de Juventude. Brasília, 2013. Disponível em: [https://www.bemtv.org.br/CSO2017/downloads/cartilha\\_politicas\\_publicas\\_para\\_juventude\\_2013.pdf](https://www.bemtv.org.br/CSO2017/downloads/cartilha_politicas_publicas_para_juventude_2013.pdf). Acesso em: 1 abril 2020.
- CARVALHO, Renato Gomes et al. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 34, p. 379-388, 2017.
- CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, p. 320-330, 2016.
- DIAS, Ayra Cristina Sousa; MONTE, Liana Maria Ibiapina do; NASCIMENTO, Elaine Ferreira. SONHOS AOS PEDAÇOS: violência no namoro entre jovens. **Anais**. In: X Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís: MA, 2021.
- GEMAQUE, Robelania dos Santos; CAVALCANTI, Natália Conceição Silva Barros; JESUS, Jaqueline Gomes de. Nem Só Azul e Rosa: Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 2, n. 21, 2021.
- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo, Maria Cecília de Sousa, organizadora. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- GROPPO, Luís Antonio et al. Coletivos juvenis políticos em uma universidade pública mineira: microespaço público e experiências de participação no movimento estudantil. **Praxis educativa**, v. 14, n. 3, p. 1027-1048, 2019.
- MARINHO, Camila Holanda. Dores da periferia: mapas afetivos e vozes que recusam os silenciamentos femininos. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 11, n. 27, p. 92-114, 2021.
- MENESES, Rafael Martins de; BARRETO, Tiago Alves de Jesus; NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. O PODER PUNITIVO E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO: leituras pós-estruturais. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 1, p. 198-212, 2021.
- ROCHA, Roberta Zanini da; GALELI, Paola Rodegheri; ANTONI, Clarissa De. Rede de apoio social e afetiva de mulheres que vivenciaram violência conjugal. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 1, p. 124-152, 2019.
- SILVA, Cristiane Gonçalves da. Encontros nos territórios: escola, tecnologias juvenis e

gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 180-202, 2019.  
SILVA, Mônica Izilda da; OVIGLI, Daniel Fernando Bovolenta. OLHARES JUVENIS PARA AS ESCOLAS: gaiolas ou asas?. **Revista Pedagógica**, v. 22, p. 1-22, 2020.  
PRÁ, Jussara Reis. Estereótipos e ideologias de gênero entre a juventude brasileira. **Revista Feminismos**, v. 1, n. 3, 2013.

### **Considerations on some young women's affective relationships in the school context**

**Abstract:** The way in which young people relate to each other and also build affective bonds is considered to be one of the most important points for not only forming their identity, but also as a way of affirming themselves and how they see the world. With this in mind, this study focused on this phenomenon, with the aim of analyzing the experiences of affective relationships of adolescent and young cis women in the municipality of Teresina/PI. It is therefore a qualitative, exploratory, interpretative and field study. This study involved five cis women aged between 16 and 18 from a public school. A semi-structured interview was used as the data collection tool. The results pointed to the importance of these bonds in shaping their personalities, contributing to a network of mutual support in the face of youthful dilemmas. Furthermore, these young women also discuss how they see these relationships, their construction of their bodies and their sexuality. We conclude that work of this magnitude indicates the need to listen to and welcome these young people, providing spaces for personal and social understanding.

**Keywords:** Amorosity; Construction; Identities; Empowerment.

**Recebido: 18/10/2023**

**Aceito: 13/04/2024**